

*Distinta honra me foi concedida apresentar-me diante de vós com o fim de iniciar o Curso de Guerra que ides fazer.*

*Será, estou certo, um contínuo prazer para mim associar-me constantemente convosco no desenvolvimento dos trabalhos deste ano, pois aqui estou não na investidura de um instrutor na Arte da Guerra, porém como um guia e conselheiro, um companheiro de trabalho e de estudo nessa Arte.*

*Meu Governo, ao nomear-me, conferiu-me uma distinção que sinto exceder o meu merecimento. Minha missão será repartir convosco, com a máxima franqueza e confiança e sem reserva de espécie alguma, tudo quanto uma maior experiência nos permitiu adquirir em relação aos métodos e às práticas envolvidas no estudo da Guerra.*

*Este procedimento da parte do meu Governo é uma indicação clara da tendência que se tem desenvolvido enormemente durante os últimos anos para um maior estreitamento de relações entre os Estados Unidos da América e o Brasil e não o de apenas manifestar uma amizade internacional. Essa tendência é cada vez mais para a intimidade, o que dá lugar a uma melhor compreensão de ambos, numa comunhão de interesses e propó-*

*sitos no desenvolvimento nacional, propiciando uma solidariedade que resistirá à violência das intempéries e à ação do tempo.*

*Meu distinto predecessor aqui na Escola Naval de Guerra, meu caro amigo e camarada, Captain Philip Williams, já tinha aberto o caminho; eu unicamente ambiciono a fortuna de segui-lo com o mesmo sucesso por ele alcançado.*

*Deixou ele aqui uma justa apreciação dos seus esforços e em todos um sentimento da mais calorosa amizade. Continuando a obra que ele iniciou, não poderei esperar mais do que merecer outro tanto.*

*A Guerra é a coisa mais vasta e mais absorvente que cabe a uma nação levar avante.*

*É um ato do Governo que lhe é imposto, quer o país queira ou não, quando falha a diplomacia. Apreciando devidamente quantas vezes falham os esforços diplomáticos para dirimir contendas entre as nações, os governos vêm-se na contingência de se preparar militarmente, criando forças militares tanto de terra como de mar, cuja manutenção e desenvolvimento se tornam um gravame para o país.*

*A força numérica de um poder militar ou o número de unidades combatentes*

numa força naval não são propriamente uma indicação do poder militar de uma nação. A criação de tais forças é simplesmente um passo no desenvolvimento dos recursos latentes e potenciais de um país; da mesma maneira, a criação do pessoal para guarnecer as unidades combatentes não torna essas unidades eficientes para o serviço.

Todos nós reconhecemos isto; todos reconhecemos a necessidade de adestrar o pessoal no mais alto grau de eficiência, cada indivíduo na sua função especial, e então reconheceremos facilmente a necessidade de combinar os esforços de todos, em conjunto, de modo que a função da massa venha ser a função unidade, não mais suscetível de ser desintegrada.

Até aqui compreendemos a necessidade do adestramento constante, primeiro do indivíduo e depois o adestramento coordenado da massa.

Porém, quando chegamos à questão do adestramento mais alto dos oficiais, não vemos as coisas tão claramente. Somos inclinados a restringir demasiadamente o fim para o qual o oficial existe.

Se considerarmos a guerra como a maior empresa em que a nação possa estar empenhada, e a Marinha como um importante fator na direção desta empresa, para a qual, em última análise, ela existe, então o oficial de Marinha falha na mais inteira compreensão da sua função se não reconhece primeiro que, antes de tudo e acima de tudo, ele é um guerreiro; a sua profissão o obriga a compreender o que seja a guerra. Ele pode tratar de muitas outras coisas, mas estas são secundárias. Todas tendem a tornar o oficial eficiente em assuntos especiais, navegação, artilharia, administração ou manobra, porém tais especialidades não têm a mesma importância para o oficial, cuja função primordial é compreender a Guerra.

Como, porém, deve proceder o oficial de Marinha para adquirir tal compreensão? Não vem por si. Não vem com o uniforme, nem com o cumprimento rigoroso daqueles deveres de rotina, que fazem parte da vida de cada um na Marinha. Só poderá ser adquirida pelo estudo e pela prática da Arte da Guerra.

O General Stonewall Jackson, talvez o soldado mais perfeito de todos que tomaram parte na grande guerra civil nos Estados Unidos, foi aluno da Academia Militar de West Point e serviu com distinção no Exército dos Estados Unidos, no México, durante a guerra entre esses países, em 1846. Alguns anos depois daquela guerra, pediu demissão do Exército e solicitou ser nomeado instrutor militar no Instituto Militar do Estado da Virgínia, justificando o pedido com o fato de se ter tornado apto em todos os deveres de um oficial do Exército e desejar uma ocupação que lhe permitisse dedicar-se ao estudo da Arte da Guerra.

Declarou, ainda, sentir que a sua Pátria poderia algum dia precisar dos seus serviços e que desejava estar preparado quando chegasse a ocasião.

Tornou-se um estudante aplicado das campanhas de Napoleão, visitando durante as férias os campos de batalha da Europa e estudando as campanhas no próprio terreno.

Quando se declarou a guerra civil nos Estados Unidos, em 1861, Stonewall Jackson tomou o partido dos Estados do Sul, aos quais ofereceu os seus serviços. Apareceu, então, a oportunidade para praticar o que havia aprendido; e até a morte, depois da sua vitória no grande campo de batalha de Chancellorsville, derrotou, sucessivamente, vários exércitos, numericamente mais poderosos, melhor equipados, porém conduzidos por generais que não conheciam a guerra como ele a conhecia.

Atualmente não é mais preciso pedir demissão do serviço do Exército ou da Armada para estudar a guerra. Meios são fornecidos em todos os países para a oficialidade aperfeiçoar-se na sua verdadeira profissão, aproveitando as vantagens oferecidas.

Nem todos, porém, podem freqüentar uma Escola Superior de Guerra; contudo, todos podem ler e todos têm à sua disposição livros repletos de experiências registradas nas campanhas históricas, tanto no mar como em terra.

Na falta de outras instruções, estes livros fornecerão os alicerces necessários ao vosso estudo da Arte da Guerra.

Napoleão não teve na sua época uma Escola de Guerra. Confiava tão-somente na sua própria experiência? De maneira alguma. Ele fez-se mestre na Arte, fazendo-se mestre da experiência dos outros, estudando as campanhas de Cezar, Aníbal, Alexandre e Príncipe Eugênio. O seu primeiro sucesso militar — a sua primeira campanha italiana, em 1795, foi baseada nos estudos da campanha italiana do Marechal Maitlebois, cinquenta anos antes.

Pelo contínuo estudo e trabalho, a experiência acumulada do passado lhe pertencia, e ele, muito francamente, declarava que “muitas vezes o que parecia em mim ser um ato genial, nada mais era do que uma feliz reminiscência.”

A observação de Napoleão a um dos seus contemporâneos, Senador Roederer, é significativa, e indica a fonte de todo o seu grande talento na guerra. Disse ele: “Quanto a mim, estou sempre trabalhando. Eu medito muito. Se pareço sempre preparado para responder a todos, para enfrentar a todos, é porque, antes de empreender qualquer coisa, eu meditei por longo tempo. Eu previ o que poderia acontecer. Não é um gênio que me revela, repentinamente, em segredo, o que eu devo dizer ou fazer numa emergência,

inesperada para os outros. É minha reflexão, é minha meditação. Eu trabalho constantemente na hora das refeições, no teatro; à noite acordo para trabalhar”.

Ouvem-se algumas vezes vozes de protesto contra o valor do Curso da Escola Naval de Guerra, como sendo muito acadêmico, levantadas, por assim dizer, pelos marinheiros práticos. Tenho ouvido isto freqüentemente na Marinha dos Estados Unidos. Quando tais oficiais têm oportunidade de fazer o curso da nossa Escola Naval de Guerra, tornam-se os mais ardentes advogados da necessidade de todos os oficiais o fazerem.

À medida que se desenvolve o curso, parece que têm uma nova visão das coisas. O seu horizonte se alarga, começam a meditar sobre a guerra e verificam que, afinal de contas, a coisa mais prática para eles é estudar e aprender o que seja a guerra.

O Almirante Mahan publicou palavras de aviso, há 30 anos, aos assim chamados homens práticos, que se riram dos esforços da Escola para ensinar-lhes alguma coisa. Disse ele: “Eu vos previno contra a grita do dia que vê tudo no progresso material, não levando em conta a mais nobre espera em que o espírito e o coração do homem, em que tudo que é semelhante a Deus no homem, reina supremo; e contra o caráter que olha não para o homem e sim para a sua feição material.

E, de fato, senhores Oficiais, se tiverdes algum dia de combater, caberá ao país ver que as vossas armas estão em bom estado e que a vossa força é respeitável; porém, sobre os vossos próprios ombros, debaixo das vistas de Deus, deveis procurar fazer o mais que puderdes com os meios que vos são fornecidos.

Por este desempenho sereis responsável, não somente para com a Pátria, mas também para com a vossa própria consciência; que vos condenará se, pela curiosidade de saber como as vossas armas foram feitas,

tiverdes esquecido de preparar-vos para o seu emprego na guerra”.

Devemos, portanto, concluir que uma Escola Naval de Guerra tem uma missão da máxima importância para a nação e que essa missão só poderá ser bem cumprida pela cooperação decidida do Oficial-aluno.

Von Moltke, o maior Mestre da arte militar que o mundo jamais conheceu, dá-nos nas suas obras o seguinte preceito a respeito do estudo da Guerra. Diz ele: “As melhores lições para o futuro, tiramos da nossa própria experiência, porém, como esta é sempre limitada, fazemos uso da experiência dos outros no estudo da história militar; além disso, ainda podemos aumentar os nossos conhecimentos, resolvendo situações militares hipotéticas, como indicam os nossos problemas.

É sob a inspiração desse preceito fundamental que as Escolas de Guerra são fundadas, e o seu sucesso em ministrar aos oficiais conhecimentos sobre a Arte da Guerra dependerá inteiramente da fé com que for seguido esse preceito.

As leituras históricas e a pesquisa constituem uma das bases do curso de adestramento. A solução do problema é uma outra.

Recomendaremos para uso dos Oficiais-alunos uma lista de livros bem escolhidos. Muitos destes serão, sem dúvida, achados na vossa Biblioteca, e lá ainda achareis muitos que não estão na lista publicada, e que serão igualmente úteis para o curso.

Esta lista de livros tem por fim conduzir as vossas leituras por caminhos definidos. Uma leitura casual não produzirá resultados. Deve-se procurar nos livros o que o autor diz sobre um determinado assunto. Exceto em casos muito raros, os autores procuram esconder o âmago da questão, que procuram explicar numa verbosidade que precisa ser examinada; porém a aquisição da verdade é sempre uma

grande recompensa para o pesquisador diligente.

Antes de uma pessoa poder começar convenientemente a solução dos problemas de guerra, deve ter um conhecimento do método que deve ser seguido. O método é simples e exato, porém nem sempre de fácil aplicação. É chamado o sistema prático (aplicatory system) para a solução dos problemas de guerra. Tornou-se a base de todo o trabalho da Escola de Guerra Naval, e tudo faremos para compreender a sua filosofia, para nos atermos aos seus detalhes e fazê-lo um agente ativo no desenvolvimento dos nossos trabalhos.

Ao iniciar o estudo da Arte da Guerra é melhor considerá-la como um todo, e estudá-la sob as suas quatro subdivisões principais. Dividimos, portanto, a Arte da Guerra em quatro partes principais, mencionadas na sua seqüência natural: — Política, Logística, Estratégia e Tática.

A Política Nacional é o campo de circunção da Guerra. A Política Nacional de cada país está nas mãos de Monarca ou Poder Executivo e dos Estadistas que representam e controlam o Governo.

Eles e somente eles são os árbitros da paz e da guerra.

Quando a diplomacia falha e a Política Nacional é contrariada nos seus desígnios pela Política Nacional de uma outra Potência, o resultado natural é inevitável e só poderá ser uma das duas coisas — o sacrifício dos interesses nacionais por meio de uma remodelação da Política Nacional, afim de ajustá-la à pressão que exerce a Política Nacional da nação rival, ou o recurso à força armada para assegurar os interesses nacionais.

Uma vez determinado o emprego da força armada, afim de atingir o objetivo em vista, entra em cena a Estratégia, que se torna o instrumento para executar a vontade da nação.

Então, evidentemente, a Estratégia deve caminhar de braço dado com a Política, e nação alguma, por mais altruísta que seja, pode viver, sem ligar a mesma importância ao desenvolvimento da sua Estratégia e da sua Política.

Desde os tempos mais remotos, a guerra sempre foi o árbitro final nas ambições desencontradas dos interesses nacionais.

Se a história do nosso tempo pudesse desmentir o que afirmamos acima, que as guerras são cada vez mais raras, que os choques entre os interesses nacionais vitais estavam sendo pacificamente amortecidos, seria a prova de que há uma tendência para a liquidação das contendas internacionais por outros meios que não a guerra.

Longe de ser este, porém, o caso. A evidência dos fatos do nosso tempo proclama bem alto que não somente a guerra não se tornou menos freqüente como um meio de liquidar as controvérsias nacionais vitais, como ganha cada vez mais violência e maior intensidade.

A Política determina se deve haver guerra ou não, determina o objetivo da guerra e o poder das forças armadas para apoiá-la. Trata da conduta da guerra e do seu término, quando entabola as negociações da paz.

É, portanto, essencial que nós, oficiais de Marinha, tenhamos uma compreensão do que seja Política nas suas relações com a guerra e a sua influência com a preparação para a guerra.

É oportuno citar aqui algumas palavras do tratado do Almirante Mahan "Foundations and Principles of Naval Strategy". Diz ele: "As relações entre os Estados são em primeiro lugar da alçada dos estadistas, um assunto de política internacional; devem, porém, fazer parte dos dados com que os estrategistas de terra e mar jogam, porque pertencem aos elementos que de-

terminam a constituição e o poder da esquadra nacional.

Eu não posso repudiar qualquer palavra minha refletindo o tom outrora tão tradicional na Marinha, e que era tido como profissional — de que as questões políticas pertencem mais ao estadista do que ao militar. Encontro estas palavras nas minhas antigas conferências, porém cedo aprendi melhor com o meu amigo militar Jomini, e acredito que nenhum dos meus livros impressos depois contém a afirmação de que a política externa não interessa profissionalmente aos militares.

Tendo estabelecido que o conhecimento da Arte da Guerra compreende um conhecimento da Política Nacional e as Relações Externas nas quais germina e ganha raiz a semente da guerra, chegamos a uma outra subdivisão importante da Arte, que diz respeito à necessária preparação para a guerra — Logística.

Aqui entramos num campo que tem ficado inúmeras vezes ao abandono e é da máxima importância que seja estudado e compreendido por todos que procuram aperfeiçoar os seus conhecimentos da guerra. A Logística pode ser chamada a direção dos negócios da guerra. É a ciência da preparação antes da guerra e a ciência da manutenção durante a guerra. Compreende toda a preparação material e pessoal anterior à guerra e no correr da guerra. Se nas vossas pesquisas de uma definição de Logística consultardes vários dicionários ou obras de escritores clássicos sobre assuntos militares, ficareis confuso com a variedade de definições encontradas, e tereis embaraço em fazer uma seleção acertada.

Na nossa Escola de Guerra, a maioria dos oficiais aprova a concepção da Logística, como sendo tudo quanto diz respeito ao adestramento, à mobilização, à organização, e à administração, ao equipamento,

ao transporte e à manutenção das forças armadas.

O distinto Diretor da vossa Escola de Guerra, Vice-Almirante Gomes Pereira, numa palestra que tivemos há alguns dias passados, deu uma hábil ilustração das relações existentes entre Logística, Estratégia e Tática, tão clara e melhor que qualquer tentativa que façamos para defini-la. Eu sei que ela vos ajudará imensamente a compreender a verdadeira significação da logística.

É a seguinte a ilustração do Almirante: A cabeça, representando a concepção, é Estratégia; o braço, representando a força acumulada, é Logística; e o punho, representando o ponto onde está concentrada toda a força a empregar, é Tática.

Tendes aí resumida a concepção clara das relações existentes entre esses elementos da Arte da Guerra, que ou representa uma inspiração ou o resultado de muito estudo, profunda reflexão e um modo de pensar muito lúcido da parte de vosso distinto chefe.

Conto que me seja permitido afirmar que é uma combinação de ambos, um reflexo de estudo e meditação que Napoleão disse ser fonte de muitas das suas inspirações.

Se precisássemos mostrar ainda a importância da Logística como elemento de guerra que necessita o maior estudo, basta olhar para a grande guerra de hoje.

Desde o seu começo no teatro principal, tem sido uma guerra de logística.

Em determinados teatros têm havido exhibições clássicas de estratégia e grande tática, porém, em princípio, especialmente na frente ocidental, tem sido uma guerra de logística. Hoje, para todos nós das potências aliadas deste lado do Oceano, é a Logística que opera e continuará a operar, como o fator principal na guerra.

Nada há de espetaculoso em relação à Logística. Nenhuma glória ou honra

aguarda o seu herói, como aguarda o herói no campo estratégico ou tático. No entanto, quão grande é a tarefa, quão importante é a sua cabal execução.

Sem uma compreensão própria em todos os seus detalhes, sem um cuidadoso, verdadeiro e trabalhoso cálculo, sem decepção própria, a estratégia e a tática não podem operar com sucesso. A tarefa que a minha Pátria tomou a si de fornecer homens, equipamento e provisões nas quantidades exigidas pela situação nos campos de batalha da Europa é uma das empresas mais estupendas de Logística na história de todos os tempos ou de quaisquer outras.

Não é claro que devemos todos estudar e compreender a Logística e o seu efeito sobre a preparação e a conduta da guerra?

Não devemos perder de vista que não é somente em tempo de guerra que a Logística opera. É essencialmente uma ciência de preparação para a guerra. Reconhecemo-la facilmente na construção dos navios, no adestramento do pessoal, porém muitas vezes deixamos de cumprir as necessidades militares da política nacional em tempo de paz até a sua conclusão lógica e apropriada.

A construção de navios e o adestramento do pessoal são os sinais exteriores e visíveis do poder militar, que satisfazem as políticas e as massas não pensantes, porém, salvo se entrarmos mais detalhadamente nos domínios da Logística, estamos simplesmente nos preparando para um triste acordar, se tivermos divergências com uma nação que olha em tempo de paz seriamente para os seus problemas militares, e procura resolvê-los deliberadamente com ânimo decidido.

Não quer dizer que tal nação tenha desígnios agressivos ou que a sua política seja militarista. Quer dizer simplesmente que tal potência considera seriamente os

seus problemas militares e os resolve completamente como teria feito com um problema de engenharia.

Ninguém pensaria em conceber um projeto envolvendo dificuldades técnicas, nem procuraria executá-lo sem um plano e sem uma cuidadosa atenção para todos os detalhes essenciais à execução desse plano. No entanto, há nações que assim procedem com relação à sua preparação para a guerra. Fazem coisas que nos dão uma impressão externa de aparência de preparação, desprezando as coisas que são menos vistosas, porém absolutamente necessárias para executar o plano.

O estabelecimento de depósitos, de bases, de estradas de ferro estratégicas, de reservas de material, munição de boca e de guerra são necessidades logísticas, em qualquer plano de defesa nacional; no entanto, quantas vezes são cumpridas?

No meu próprio país, freqüentemente chamei a atenção para a negligência em dar cumprimento a essas necessidades, negligência esta que não se pode atribuir inteiramente ao Congresso. Os congressistas não são estudantes da guerra, e presume-se que não conheçam as suas exigências.

Nós, porém, como militares, somos ou devemos ser estudantes da guerra e, como o país depende de nós para conselhos sobre os assuntos militares, devemos estar certos de que o nosso espírito esteja doutrinado e adestrado, e que, tanto na paz como na guerra, estejamos em condições de aconselhar com segurança quando formos chamados para isso.

Acontece freqüentemente que em tempos de paz a opinião dos militares não é aceita. Isto é natural e deve ser esperado, porém este fato não deve desanimar-nos nem influir na qualidade das nossas opiniões.

Chegamos agora ao terceiro elemento principal da Arte da Guerra, e estamos

num campo mais nosso conhecido, pelo menos na terminologia — Estratégia.

Quando os estadistas não conseguem por meios diplomáticos dar solução ao problema dos interesses nacionais em desavença, entregam-no necessariamente aos seus almirantes e a seus generais para que seja resolvido por meio da Estratégia.

Os princípios da Estratégia são poucos e muito simples de compreender. É na aplicação deles que está a nossa dificuldade. Na guerra, a aplicação dos princípios de Estratégia indicados pelo nosso bom senso encontra toda a sorte de complicações. Apresenta-se, então, um número infinito de fatores perturbadores, como sejam a vontade do inimigo, o vento e o tempo, a cerração, um preparo insuficiente ou ineficiente, más comunicações ou informações falsas, tudo enfim que cria o atrito na guerra.

Se o atrito fosse uma quantidade conhecida ou possível de ser calculada, não teríamos dificuldade alguma em avaliá-lo, e a Estratégia se tornaria, então, uma ciência exata. Na guerra, porém, estamos sempre lidando com quantidades variáveis e desconhecidas, e a Arte do Comandante-em-Chefe (*Art of the Leader*), a que damos o nome de Estratégia, é medida pela habilidade com que ele faz variar estas quantidades no correr do problema, para alcançar o que tem em vista — sucesso na Guerra.

É durante a preparação para a guerra, que a Estratégia entra primeiramente em contato íntimo com a Logística. A Estratégia estuda a situação, escolhe as posições consideradas próprias para as suas operações, decide sobre as forças e sobre os recursos que devem ser fornecidos e reparte com a Logística a tarefa de executar os detalhes necessários.

Para demonstrar as íntimas relações existentes entre esses dois elementos da guerra, repetirei que a Logística é a Ciên-

cia da Preparação, a mão direita da Estratégia, à qual estão confiados os segredos da Arte, para preparar e conduzir a guerra.

As bibliotecas do mundo estão cheias de livros que tratam de Estratégia. A lista de livros recomendados para o vosso estudo durante o ano corrente é apenas uma pequena porção dos numerosos volumes dedicados às histórias das campanhas.

Temos muitas expressões em Estratégia que pertencem à técnica do assunto, tais como: linhas interiores, concentração de força, concentração de esforço, caráter, exclusividade do fim, e muitas outras; porém, em última análise, todas significam mais ou menos a mesma coisa — chegar primeiro com força superior.

A quarta e última subdivisão da Arte da Guerra é a Tática. A Tática conduz-nos ao domínio atual do combate. Rápida e concisamente, a Tática representa o emprego das forças em contato com forças opostas, sendo o objetivo a vitória.

Para muitos, a Tática tem uma significação muito restrita e desorientadora, limitando-se apenas ao quatro à direita e quatro à esquerda do campo de exercícios de infantaria. Na esquadra, ser um bom ou mau tático depende apenas do fato de guardar bem ou não o seu lugar na formação.

Conquanto seja essencial a precisão das manobras nas evoluções de esquadra, e seja para desejar como adestramento na coordenação elementar, isto constitui apenas os meros rudimentos de Tática. Isto é muitas vezes tomado erradamente como a parte final da Tática, quando realmente constitui apenas um começo muito elementar.

A Tática opera dentro de um campo mais limitado do que a Estratégia, porém opera precisamente sob os mesmos princípios que governam a Estratégia.

A Estratégia conduz as forças para o ponto de contato. Uma vez dentro daquela área, a Tática assume o controle, dispõe e manobra as forças no combate.

A Tática tem por objetivo utilizar todas as forças reunidas para o melhor fim, colocá-las na posição vantajosa desejada, onde as principais armas ofensivas possam ser efetivamente empregadas contra o inimigo e onde ele ofereça a menor resistência.

O princípio básico e geral que rege, tanto a Tática como a Estratégia, está condensado na palavra concentração. Procurai ser mais forte do que o vosso inimigo no ponto de contato.

Os princípios que regem a Tática, mantêm-se os mesmos, porém a sua aplicação varia com o progresso das armas, e o seu emprego é mais científico.

Achareis muito pouco para guiar-vos nos livros sobre Tática.

Realmente há poucos livros escritos sobre Tática.

Vossos conhecimentos aumentarão com a experiência adquirida na solução dos problemas e nos exercícios no Tabuleiro. É por esta razão que a vossa Tese sobre Tática será a última do curso.

Quanto à organização das Teses, concluí da minha experiência com as classes na Escola Naval de Guerra Americana, classes estas compostas de oficiais de todos os postos, contra-almirantes e capitães-tenentes, trabalhando juntos, que ela constitui o requisito mais difícil do curso. Tem sido opinião unânime, depois de terminado o curso, que esta exigência constitui a parte mais instrutiva.

Uma coisa é ler livros com o fito de aprender o que eles ensinam e depois pô-los de lado com a convicção de que ficastes senhores do assunto tratado; outra coisa é ler livros com o fito de empregar os conhecimentos adquiridos com base ao

vosso próprio tratamento do assunto estudado.

No primeiro caso, iludir-vos-eis a vós mesmos e depressa esquecereis tudo. No segundo, tomareis as vossas notas, afim de organizar uma tese pessoal, de valor permanente, de acordo com a diligência das vossas pesquisas, e esta tese constituirá um pequeno tratado do assunto, tão bom como qualquer outro existente. Não existe método melhor do que este para dilatar o horizonte do aluno — seu conhecimento da Guerra.

Logo no início do curso, estudaremos o sistema prático (Aplicatory System) para resolver os problemas da guerra.

A base desse sistema está no Exame da Situação e na Formulação de Ordens. Tanto o Exame da Situação, como a Formulação de Ordens serão discutidos nas conferências, antes do fim deste mês. Formam a base de todo o nosso trabalho e vos permitirão, finalmente, aplicar o método, que nada mais é do que uma dedução lógica de uma decisão ou conclusão acertada, mais ou menos aplicada intuitivamente a situações concretas.

Nos primeiros dias de maio, começaremos a estudar as regras que governam o emprego do Tabuleiro de Manobra e a solução dos problemas táticos. O Tabuleiro de Manobra é um instrumento do mais alto valor para o adestramento tático. O seu emprego acertado conduz à dedução dos princípios táticos, e fornece um meio para desenvolver a habilidade pessoal na aplicação de princípios táticos conhecidos.

Como um laboratório de pesquisas táticas, é único e sem rival. Como um campo prático e útil de exercício, figura logo abaixo do próprio campo do exercício da Esquadra.

O Tabuleiro tem, no entanto, sérias limitações, que devem ser reconhecidas e devidamente levadas em conta, para evitar

exagerar os seus ensinamentos e suas deduções.

Não podemos, por exemplo, distinguir, no Tabuleiro, os fatores morais das forças opostas, nem podemos discriminá-las em relação à eficiência das várias unidades individuais.

O volume do fogo, a exatidão do tiro, a eficiência do fire control, a habilidade da manobra de navios de tipos semelhantes têm que ser aceitos, como iguais, no início do jogo.

Essas coisas nunca são iguais na prática, porém compreende-se que deva haver essa igualdade de condições quando pretendemos verificar os princípios fundamentais.

Essa igualdade, no início, é, no entanto, destruída, e começam logo a aparecer divergências muito legítimas devidas à superioridade temporária ou permanente de uma força sobre a outra, as desigualdades naturais na sorte de um ou de outro, ou desigualdades na habilidade dos indivíduos opostos.

Para apreciar exatamente o valor do Tabuleiro, devemos considerá-lo exclusivamente como um auxiliar. É um meio para chegar ao fim que temos em vista. Nossas vidas são dedicadas, em última análise, à obtenção da vitória. Como poderemos aprender estas coisas com as quais adquirimos aquela habilidade que tanto promete no combate? Não temos melhor mestre do que o Tabuleiro.

O nosso trabalho sobre o Tabuleiro será no começo muito elementar, com o fim de estudar, cuidadosamente, as regras, e aplicá-las à medida que prosseguirmos no curso. Estaremos certos, então, de que todos os Oficiais-alunos estão familiarizados com o mecanismo do Tabuleiro e com suas regras, e poderemos, com segurança, começar a solução dos problemas táticos.

*Devemos ter em mente que as derrotas sobre o Tabuleiro não devem refletir sobre o jogador derrotado. É um fato indiscutível que se aprende mais com os erros do que com os sucessos; e um jogador que perdeu uma decisão por um erro de manobra, nunca repetirá esse erro. Deveis lembrar também que o juiz não é infalível. Pode errar como qualquer outro mortal, e pode bem suceder que esta sua decisão seja responsável pela derrota. Devemos considerar estes incidentes sobre o Tabuleiro como a sorte da Guerra.*

*O ramo da Tática que trata do serviço de segurança — Informações — Esclarecimento e Cobertura — será estudado logo no início do curso, e nos esforçaremos para determinar os princípios que regem esse serviço da máxima importância na guerra.*

*Mais tarde, estudaremos as manobras sobre a carta e as regras a que estão subordinadas, tendo em vista a aplicação*

*dos problemas estratégicos baseados na costa do Brasil, e dos quais esperamos deduzir informações muito úteis.*

*Tenho prazer em declarar que as regras para o Tabuleiro de Manobra e para as Cartas Estratégicas estão em dia, de acordo com os últimos ensinamentos da Escola Naval de Guerra Americana, e que são elas as que estudaremos e aplicaremos aqui.*

*Concluindo, desejo reafirmar o meu prazer em ter sido designado este ano para ser o vosso guia no estudo da guerra.*

*Sei que vou tratar com Oficiais zelosos e inteligentes, e estou certo de que os vossos atributos de gentileza, cortesia e bondade vos farão indulgentes para comigo. Espero poder vencer a dificuldade de não falar a vossa língua, e estou certo de que, como estudantes trilhando o mesmo caminho, procurando o mesmo fim, seremos, como Nelson e os seus Comandados, "um bando de irmãos".*